

ALTERIDADE NA LITERATURA DAS DIÁSPORAS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO REINO UNIDO

Laura Patricia Zuntini de Izarra (lizarra@usp.br)
São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: O impacto das diásporas na construção da identidade contemporânea britânica é um campo de pesquisa multidisciplinar riquíssimo por serem vários os eventos históricos que a moldaram. O presente ensaio avaliará as narrativas literárias que representam esse impacto na consciência histórica, política e social do sujeito diaspórico, partindo de 22 de junho de 1948, data crucial na historiografia das comunidades “negras” britânicas do pós-guerra em que o navio *SS Empire Windrush* atraca no porto de Tilbury onde desembarcaram 492 emigrantes das Índias Ocidentais, marcando o início do passado da Grã-Bretanha Negra.

Abstract: The impact of the diasporas in the construction of British contemporary identity is a very rich multidisciplinary field of research due to the various historical events that have shaped it. This essay analyses the literary narratives that represent that impact in the historical, political and social consciousness of the diasporic subject, taking the 22nd June 1948 as a departing point, a crucial date in the historiography of the post-war “black” British communities when the *SS Empire Windrush* docked at Tilbury where 492 West Indian emigrants disembarked, marking the “beginnings” of a Black British past.

Palavras-chave: Literatura das diásporas. Movimento cultural negro britânico. Alteridade nas narrativas de língua inglesa.

Keywords: Literature of the diasporas. Black British Cultural Movement. Alterity in the narratives in English language.

Enquanto o termo diáspora, automaticamente, nos remete à experiência histórica dos judeus, o debate atual permite ressignificar o conceito para problematizar as diásporas laborais mais recentes. As tensões existentes nos processos de construção das identidades híbridas, provocadas pelos sentimentos duais de pertencimento e de localidade, exercem forças opostas nos espaços físicos, psíquicos e emocionais do sujeito na hipervalorizada era da globalização, em que predomina um “não espaço” em contraponto com os “espaços de memória” (AUGÉ, 1992, p. 63).

Os estudos da literatura das diásporas nos espaços geográficos de língua inglesa apontam uma complexidade que envolve várias áreas do conhecimento – a linguística, a psicologia social, a antropologia, a sociologia, a história. O presente ensaio focalizará a literatura do pós-guerra no “espaço diaspórico” da Grã-Bretanha, local de interseção habitado “não somente pelos sujeitos diaspóricos, mas igualmente por aqueles que são construídos e representados como nativos” (BRAH, 1996, p. 16). Esse novo conceito está relacionado com a ideia de “diferença” e das interrelações que se estabelecem com os nativos do lugar, nesse caso o britânico nato, mas que apresenta uma complexidade identitária por ser descendente de gerações anteriores e posteriores ao pós-guerra, que inclui também as gerações dos imigrantes nascidos no espaço geográfico do Reino Unido.

São vários os eventos históricos que moldaram a identidade britânica contemporânea, desde as diásporas mais antigas como as dos anglo-saxões e dos vikings, que exerceram influência nos dialetos ingleses e nomes de lugares, até as mais atuais – as laborais – que influenciam os conceitos de lar e terra natal em contraponto com os conceitos de exílio, de exclusão e de estrangeiro. As narrativas literárias das diásporas têm como linha de força a representação desse impacto na consciência histórica, política e social do sujeito diaspórico e de sua relação com o poder hegemônico do país que os recebe.

A data crucial na historiografia das comunidades “negras” britânicas do pós-guerra, a qual faz parte do imaginário nacional, é 22 de junho de 1948, em que o navio *SS Empire Windrush* atraca no porto de Tilbury, desembarcando 492 emigrantes das Índias Ocidentais, especificamente, das ilhas do Caribe. A chegada do *Windrush* se deve ao Nationality Act (1948) que abria as fronteiras da Grã-Bretanha às colônias e pré-colônias, motivado pela independência da Índia. Portanto, inicia-se uma série de movimentos diaspóricos ao centro pós-imperial vindos do Caribe, África e Sul da Ásia.

Foi um êxodo de homens e mulheres, brancos e negros que fizeram parte desse momento inicial de harmonia e tolerância, representado pelo anúncio “Bem-vindos ao lar” – “Welcome Home” – publicado no *Evening Standard*. Porém, a intolerância vai ser alimentada em 1958 pelos distúrbios sociais em Londres, em Nottingham/Notting Hill (os *riots*) com a morte do marceneiro Kelso Cochrane, oriundo da ilha de Antígua, e, dez anos depois, pelo pronunciamento público do ministro de defesa Enoch Powell, no seu discurso anti-imigração “Rios de sangue,” em 1968. Powell ataca os imigrantes e diz que, em 15 ou 20 anos, o negro “levantará a mão com o chicote contra o branco e crescerá em grande número, caindo o britânico sob sua dominação” (*Birmingham Post*, 1968). De certa forma, essa reação tinha sido prevista em 1966 pelo poeta Louis Bennett em “Colonisation in Reverse” que visualiza as ondas de compatriotas caribenhos emigrando semana após semana para o centro do império – “Fi immigrate an populate/De seat a de Empire” – e se pergunta temerosamente como este iria suportar uma colonização em reverso – “But ah wonderin how dem gwine stan/Colonizin in reverse” (PROCTER, 2000, p. 16-17).

O antropólogo Steven Vertovec e o sociólogo Robin Cohen (1999, p. xiii) explicam que, atualmente, a palavra diáspora remete aos diversos significados culturais e sociais de multi-localidade e ao conceito de transnacionalismo como meios de entender como se constroem as identidades globais desde as bases (*from below*) e em movimento (“on the move”). De acordo com esses autores, há três conceitos de diáspora que o crítico literário detecta nas narrativas contemporâneas que revisitam esse passado histórico: a diáspora como forma social, como forma de consciência e como forma de produção cultural.

As narrativas como forma social representam uma situação de diáspora geralmente negativa, porque estão associadas a um deslocamento histórico forçado que provoca vitimação, alienação e perda. A esse arquétipo soma-se o sonho do retorno sempre adiado em que o vínculo com a origem se cristaliza no imaginário do sujeito diaspórico. É “perda e esperança” (CLIFFORD, 2000, p. 250). Por exemplo, a Irlanda, colônia da Grã-Bretanha por mais de 700 anos, testemunha uma diáspora de escravos brancos que foi “quase” apagada pelas histórias das “diásporas de sucesso” nas Américas e na Austrália dos séculos XIX e início do XX. Em *A Testimony of an Irish Slave Girl*, Kate McCafferty (2002) narra ficcionalmente a rebelião histórica, organizada por escravos irlandeses e africanos Coromantes em

1675, para dar fim à cultura escravocrata das plantações inglesas em Barbados. Por meio do testemunho, a autora reconstrói o processo identitário da protagonista (Cot Daley) a partir dos vários referenciais duplos que a constituem no espaço diaspórico caribenho. Elementos literários próprios da escrita de testemunho e jogos discursivos revelam o sofrimento da protagonista irlandesa, raptada aos dez anos em Galway e vendida como mão de obra escrava em Barbados. A caracterização da personagem mostra a dupla função de ser uma “estranha no ninho”, tanto no contexto do discurso dos brancos quanto dentro de sua própria comunidade escrava cuja maioria era africana. Se, de acordo com Patrick O’Sullivan (1997), “migrar significa entrar na narrativa do ‘outro’ e, muito provavelmente, dentro dessa narrativa, torna-se um ‘outro simbólico’” (p. 3), o testemunho de Cot Daley, recriado pelo imaginário de Kate McCafferty, subverte o discurso de delação e aponta para o processo de formação de identidade que supera o *ethos* histórico e revela novas estratégias de sobrevivência nas interseções de raças, gêneros e classes.

Outra forma de abordagem literária da diáspora dá maior ênfase à descrição da variedade de experiências, a um estado da mente e a uma consciência histórica de identidade. Por isso, a “consciência diaspórica” é uma conscientização particular marcada por uma **natureza dual e paradoxal**. Esta se constitui negativamente por meio de experiências de discriminação e exclusão e, positivamente, com a identificação de uma herança histórica, como é o caso da civilização indiana, ou com forças políticas ou culturais do mundo contemporâneo como é o caso do Islam. É a metáfora de um “lar longe do lar” (BRAH, 1996, p. 26), o “aqui e lá” (CLIFFORD, 1997, p. 253), o “estranho familiar” (HALL, 1996, p. 487), tanto no espaço da terra natal quanto no diaspórico. Há uma conscientização de multilocalidade que configura uma “coerência imaginária” para um grupo de identidades distintas, um “único eu coletivo” (HALL, 1990, p. 224), reconhecendo, além das similaridades, os pontos de diferença que constituem uma identidade cultural em constante transformação.

A metrópole prometida: 1948-1960

O primeiro período do pós-guerra de “negros” na Grã-Bretanha vê surgir poetas e romancistas como Kamau Brathwaite (“The Emigrants”),

Wilson Harris, V.S. Naipaul (*The Middle Passage*) e George Lamming (*The Emigrants*), que se estabeleceram em Londres nos anos de 1950, e representaram com maestria as ansiedades e conflitos gerados pelos deslocamentos (cruzamentos do Atlântico) e pela luta travada no novo espaço geográfico num processo de assimilação, miscigenação e moradia.

Talvez a obra mais relevante na representação épica da longa migração caribenha seja *The Arrivants: A New World Trilogy* (1967), de Edward Kamau Brathwaite. Em sua trilogia poética, dividida em seções intituladas “Rights of Passage”, “Islands” e “Masks”, Brathwaite permite a si mesmo e aos leitores explorar os vários rumos que levaram o sujeito caribenho a uma dupla ou tripla diáspora. Nesse caso, o tema é a migração da África para o “Novo Mundo”, para as Américas, com todas as histórias de colonização e, finalmente, de semicolonização, que teve lugar após os processos de independência com a diáspora em reverso à metrópole, a Inglaterra. Brathwaite vê a migração como parte das atuais condições econômicas do capitalismo tardio. Assim sendo, as primeiras migrações africanas defrontaram-se com realidades severas como a do tráfico de escravos (árabes e africanos), do colonialismo e do neocolonialismo. Carole Boyce Davis (2010, p. 755) afirma que a migração para os Estados Unidos e para a Europa é representada através do sofrimento do migrante nos primeiros versos de “Didn’t He Ramble”, de Kamau Brathwaite (1967): “Então a Nova Iorque e Londres / finalmente chego / esperança em meu ventre / ódio asfíxiado / em meu âmagô / para me adequar ao papel / que represento” (p. 22). No poema “The Emigrants”, o poeta capta todas as facetas de sua migração: “para o Canadá, Canal do Panamá, lavouras sofridas do Mississipi, Flórida, Glasgow”. O poema diz: “Por que vão? / Não sabem. / Procurando emprego / eles aceitam o melhor / que o agenciador tem a oferecer” (BRATHWAITE, 1967, p. 51-52). Davis também se refere à representação do Caribe por Derek Walcott em *Omeros* (2002): “‘O mar é a história’, diria Walcott sobre todas as narrativas e movimentos mantidos ocultos que geralmente seguiram a rota das economias globais e reproduziram o fator de expansão e retração dos movimentos migratórios” (DAVIS, p. 756).

Porém, a “Bretanha negra” não congrega apenas os descendentes afro-caribenhos, mas também os africanos e sul-asiáticos, como o nigeriano Wole Soyinka (Nobel 1986) e o indiano G.V. Desani que, com sua invenção e experimentação linguística, influenciará Salman Rushdie e seus sucessores;

mais tarde Brathwaite a chamará de “*nation language*”. A travessia do Atlântico (*the middle passage*) e a “casa” se constituem como temas dominantes nas narrativas deste período, sendo os porões, alojamentos, cortiços e varandas referentes constantes, não somente como sítios de exclusão ou encarceramento, mas sítios simbólicos importantes em que a comunidade se congregava. O melhor exemplo é o romance metaficcional de V.S. Naipaul, *Uma casa para o Sr. Biswas* (1961), em que retrata a situação de deslocamento geográfico e o seu efeito na psique dos imigrantes indianos após a abolição da escravidão negra em Trinidad. A dissertação de mestrado de Mariana Bolfarine, “Espaço e metaficção em *A House for Mr. Biswas*, de V.S. Naipaul” (2011), mostra como o autor utiliza a metáfora da escrita do jornal (o espaço público) e da construção da casa (espaço privado) para representar o próprio processo de construção do romance que se manifesta por meio da paródia do gênero do romance de formação ocidental (*Bildungsroman*). Biswas tenta resgatar o ideal de lar vitoriano, no desejo de fazer parte da tradição a qual imita, mas se confronta com o real pelo seu não pertencimento a essa tradição. A ideia de imitação das formas literárias pré-estabelecidas nos remete ao processo de construção do romance, porém ele parodia essa forma por ser o protagonista um anti-herói que não se transforma; pela perda da causalidade e da sequencialidade dos eventos, já que no prólogo e no epílogo antecipa o resumo do enredo; pela perda da função moralizante de seus antecessores por meio do grotesco; pelo caricato e o avesso; e pela presença de elementos contraditórios ao desconstruir a noção de casa que não é casa, do escritor que é um imitador e dos espaços rural e urbano que não se caracterizam como tal.

Intolerância e contestação: 1970-1980

Se o primeiro período do pós-guerra é um estado de *laissez-faire* e de adaptação, representado pelos três gêneros literários (poesia, ficção e drama) em diálogo com o cânone, no final dos anos 1960 cresce uma intolerância política e racial em nível institucional que se expressa por meio dos manifestos da Frente Nacional. Special Patrol Groups (grupos especiais de patrulhamento), a lei de suspeição (SUS Act) que permitia parar e revistar qualquer suspeito nos bairros negros ou nos “*gulags* britânicos,” tornou o “*mugging*” (assalto, agressão para roubar) em significante cultural da literatura

das diásporas, uma literatura de contestação e confronto, cujo meio de comunicação era a poesia.

O termo “black” adquire, nos anos setenta, uma conotação política ao congregar grupos e comunidades que têm histórias, tradições e identidades étnicas muito diferentes, mas que compartilham uma experiência comum de racismo e marginalização. Membros das ex-colônias de diversas culturas do ex-chamado “terceiro mundo” (árabes, irlandeses, africanos, indianos, paquistaneses, caribenhos, latino-americanos) se identificam na luta por uma política de representação dentro da esfera discursiva da sociedade britânica eurocêntrica. Dessa forma, a “experiência negra” constrói uma estrutura unificadora de autorepresentação, independente das diferenças culturais e étnicas, o que Stuart Hall (1996a) chama de “*new ethnicities*”, tornando-se até hegemônica com relação a outras identidades, com a finalidade de ocupar espaços políticos e sociais.

Os sujeitos diaspóricos são movidos pelo desejo de que a sociedade futura seja capaz de cumprir a promessa política e social que a sociedade presente deixou irrealizada. Para Gilroy (1993), essas “políticas de realização” (p. 133) estão mais voltadas para fazer o jogo da racionalidade ocidental. Esse desejo utópico alimenta um movimento cultural de denúncia e resistência que se materializa primeiramente na música. Um exemplo interessante é a produção de Linton Kwesi Johnson, o poeta *reggae* anglo-caribenho que é pioneiro em poesia e música “negra” de contestação e resistência na Grã-Bretanha. Ele chamou seus poemas de “*dub poetry*”, em analogia com “*dub music*”. Este é um estilo musical ligado ao *reggae* onde a parte principal da melodia é retirada e vários efeitos especiais são acrescentados. Metaforicamente, como na dublagem do cinema onde as vozes dos atores são “apagadas” ou “mudadas” e outras vozes ocupam esse lugar, Johnson reflete sobre racismo, políticas radicais, opressão policial, discriminação da juventude negra na Grã-Bretanha “negra”, denunciando as distopias que vivem essas “minorias” no presente. São narrativas poéticas que exprimem dor, impotências e ressentimentos como em “Five Nights of Bleeding” ou “Sonny’s Lettah” (um poema contra a lei que qualquer pessoa podia ser levada à prisão sob suspeita), “New Craas Massahkah”, ou “Inglan Is a Bitch”. Porém nessa denúncia, aumentada pelo ritmo *reggae* e *rap* (forma híbrida) dos poemas, mostra uma esperança de realização de mudanças e apresenta **utopias transgressivas** como nos poemas “Mekkin Histri”, “Beacon of Hope”, “Sense outta Nansense”, “Tings an Times”, “Di Anfinish

Revalueshan” e “Di Good Life” em que desconstrói as distopias políticas e assinala para novos tempos.

A arma usada por Johnson é a união de duas linguagens, a do centro opressor e a da música que os identifica. A língua opressora, imposta historicamente pela força, se transforma em um meio para expressar a resistência cultural e a força subversiva do oprimido. Em um processo político de apropriação, a língua oficial “da rainha” é deturpada, corrompida materialmente ao fazer uma simbiose da sintaxe, fonética e entonação do sistema linguístico com o ritmo e estilo musical *reggae*, priorizando na escrita a visualização da pronúncia do “*black British*”. O poeta incorpora o poder do centro e nas repetições, onde retira a melodia principal, instaura a voz de sua comunidade, que começa a ser aceita metonimicamente, através da força subversiva do ritmo de sua música que faz sucesso no centro cultural estabelecido. Desta forma o estilo “*dub*” de sua poesia começa a demarcar um espaço diaspórico cultural de contestação.

O poeta John Agard também usa a “linguagem da rainha” como arma subversiva e desconstrói as representações do colonizador a respeito do colonizado, revelando o processo de construção da identidade pós-moderna e diaspórica dentro da concepção de uma utopia crítica em ação. Porém, o tom de seus poemas diferencia-se do de Johnson ao introduzir o uso da paródia e ironia no movimento cultural de resistência.

No poema “Stereotype”, Agard subverte os estereótipos do caribenho ao descrever com humor perspicaz o olhar eurocêntrico no processo de identificação do “outro”. Ele parodia sua própria imagem construída pelo colonizador, o chapéu de palha, o ritmo no sangue, o rum, os timbais, a música e a dança, o andar despreocupado, a vestimenta colorida, as mulheres. Porém, no final do poema, há um desafio ao poder do centro que reduz o colonizador a um nível de inferioridade quando responde que a *persona* conhece seu estereótipo mais do que o próprio colonizador, provocando assim uma reversão do mesmo ao transformar o “West Indian” em “superior”, “graduado na universidade de Oxford com o grau de antropólogo” (AGARD, 2013).

Esses dois poetas junto com Grace Nichols, exemplificam a terceira forma de diáspora, descrita por Vertovec e Cohen, que se refere a um modo de produção cultural transnacional, identificado com formas sincréticas, criolizadas, traduzidas, “cruzadas”, “*cut’n’mix*”, híbridas ou alternadas.

As heterotopias: 1980-1990

No período entre 1960 e início de 1980 testemunham-se novos níveis de politização e solidariedade nas comunidades africanas, caribenhas e asiáticas do sul morando na Grã-Bretanha. Após o uso da poesia para expressar uma resistência ao centro, a ficção e, com menos força, o teatro, passam a ser os meios de representação; porém o passado continua presente não como fato, mas construído por meio da memória, da fantasia e do mito: “as diásporas sempre deixam um rastro de memória coletiva sobre outro lugar e tempo e cria novos mapas de desejos e fixação/conexão” (APPADURAI; BRECKENRIDGE, 1989, p. 484). De 1980 a 1990 destaca-se a obra *Crossing the River* (1993), de Caryl Phillips. Ele retoma o mito da passagem de mão dupla, das travessias, em outro de seus livros, *The Final Passage* (1995), o qual serve para “recalibrar” a narrativa central da vida social e histórica dos britânicos; é um revisionismo histórico que “recompila” e “reensambla” o passado, independente da “autenticidade” histórica na recomposição ficcional. Esses romances que experimentam diferentes focos e discursos narrativos alargam o tema já explorado na peça de teatro *Strange Fruit* (1981), em que representa o movimento interativo entre as utopias (produto do imaginário dos sujeitos da diáspora) e as contra-utopias (presentes no espaço diaspórico que ocupam). No momento epifânico do relato da protagonista sobre a tensão gerada entre sua primeira experiência da realidade como fato, e a existência como **possibilidade** na terra escolhida, ela aponta para um passado histórico de colonização: quando a amiga lhe disse que veio ao país errado, ela responde que “estava na ilha correta, mas lia os livros errados. Ouvia mentiras” [“No. Not me. I was on the right island. I'd been reading the wrong books. Listening to lies?”] (p. 52). Enquanto os elementos constitutivos da narrativa utópica da mãe são o direito à educação, profissão e liberdade, e a levam a ser acusada pela amiga e pelos filhos que “pensava demais branco” [you think too white] (p. 31), os dos filhos Errol e Alvin apontam para utopias políticas que contestam a ideologia do poder instituído.

Em meados de 1980, as ilusões e utopias sobre a terra do exílio de alguma forma se desvanecem. A preocupação dos escritores é o encontro do Oriente e o Ocidente e os espaços de silêncios gerados pelas “travessias.” O paradigma da solidariedade que reunia comunidades culturais diferentes começa a ser interrogado e desestabilizado como sendo ficções de

celebração da diferença (*cheering fictions*⁹). Prevalece novamente o romance, direcionando um olhar mais crítico ao seu próprio grupo, às vezes até cômico, às comunidades do sul da Ásia que já não eram tão autocontidas; realçavam mais sua sexualidade e conflitos, elementos que não seriam bem aceitos na década de 1970.

Nos anos 1980 aparecem os primeiros romances de Kazuo Ishiguro, nascido em Nagasaki e morando na Inglaterra, nos quais o espaço representado é de “resíduos”, seja das sociedades quanto dos indivíduos, resíduos de uma presença violenta do ocidente no oriente, como em *Um artista do mundo flutuante* (1986), e do próprio ocidente em *Resíduos do dia* (1989) que ganhou o Booker Prize em 1989. No romance de 1986, a espacialidade é o vetor interpretativo do romance, sobre o qual se apoiam e desenvolvem outros elementos narrativos. Rose Yukiko Sugiyama (2009), na sua dissertação de mestrado “Espacialidades narrativas. Uma leitura de *An Artist of the Floating World*, de Kazuo Ishiguro”, afirma que, embora o processo de rememoração do narrador protagonista envolva diferentes camadas temporais e espaciais, existe um espaço primordial, a casa, a partir do qual todos os demais espaços são desdobrados. As sobreposições espaciais com caráter heterotópico (do presente e do passado referente à guerra) formam diferentes camadas que estabelecem relações de complementaridade, criando um adensamento na significação dos eventos, dos conflitos e dos papéis vividos pelas personagens. A incerteza prevalece, pois os aspectos históricos são propositalmente distorcidos ou reconfigurados mostrando as falhas mnemônicas da história e o potencial para o erro inadvertido.

Nesse período dos anos 1980, o conceito de diáspora tem sido central a todos os debates. O escritor nigeriano Ben Okri, o somali Nuruddin Farah, ou o anglo-paquistanês Hanif Kureishi, entre outros, assim como o grupo mencionado anteriormente, retornam ao passado não para ratificá-lo, mas para desestabilizá-lo, como demonstra Divanize Carbonieri em sua dissertação de mestrado “Hibridismo e simultaneidade no romance *The Famished Road*, de Ben Okri” (2006), ou na tese de doutorado “A compensação da imobilidade nos cronotopos oníricos: uma leitura da trilogia *Blood in the Sun*, de Nuruddin Farah” (2010). A escrita gay e feminista, frequentemente marginalizada nos anos 1970, passa a ser significativa neste contexto da sexualidade “*Black British*”, já não tão voltada para as questões raciais e sim para as “comunidades imaginadas” e “eticidades” no seu

processo constitutivo. A unicidade em torno do termo “negro” passa a ser evitado. Hanif Kureishi, romancista, roteirista, diretor de cinema, contista, além de representar a homossexualidade na comunidade de imigrantes paquistaneses, como no famoso roteiro cinematográfico *Minha adorável lavanderia* (1985), levado à grande tela sob a direção de Stephen Frears, também discute questões religiosas no conto *Meu filho, o fanático*, transformado em *script* para o cinema em 1997.

É a literatura anglo-indiana dos escritores diaspóricos como Salman Rushdie, Arundhati Roy e Amitav Ghosh que marca os movimentos East-West e suas implicações não só no sujeito da diáspora, mas também no espaço diaspórico da Inglaterra. As narrativas mostram as tensões geradas pelas tentativas de diálogo nessas travessias, e revelam ironicamente como elas se esvaziam e afundam num mar de silêncios. Porém, escrever permite que esses silêncios aflorem na superfície, sendo o romance o gênero por excelência para representá-los. Salman Rushdie adquire relevância mundial devido à sentença de morte (*fatwa*) do Aiatolá Khomeini contra o escritor indo-britânico pela publicação do romance *The Satanic Verses* (1989). Enquanto que para os religiosos islâmicos esse livro profanava a imagem do profeta Maomé, para o escritor era apenas uma crítica contra o conservadorismo e arbitrariedade discriminatória dos governos quanto ao tratamento dos imigrantes, especialmente os imigrantes de Bangladesh na Inglaterra. O *fatwa* levou a questionar a função do intelectual e sua relação com a mídia que é o eixo principal para a internacionalização dos mercados. Rushdie já havia sido contemplado com o Booker Prize, em 1981, com o romance *Midnight's Children* (*Os filhos da meia-noite*), em que ele se refere à geração nascida na noite de 15 de agosto de 1947, data que marca a independência da Índia da Grã-Bretanha. É quase uma alegoria polifônica de várias vozes em diálogo, traçando a história da Índia por meio do realismo mágico, fantasia, mitos e contos folclóricos.

A nação é a metáfora central dessa tradição literária indiana, uma vez que as tensões entre os grupos religiosos (hindus, sikhs e muçulmanos) continuam, o castismo ainda divide a sociedade e as fronteiras internas ameaçam a unidade do subcontinente. A literatura anglo-indiana indigenizou o gênero romance ocidental e o ressignificou ao representar não só o homem comum, mas também a visão divina dos deuses de sua cultura, incorporando

seus mitos e ensinamentos. Utilizando os elementos tradicionais do gênero, desconstruíram o exotismo e primitivismo que lhes havia sido atribuído pelos ingleses na época colonial, em busca de um novo conteúdo.

Transnacionalismo e transculturalidade: 1990-2000

No final dos anos 90, destaca-se a escritora anglo-indiana Arundhati Roy que ganha o Booker Prize, em 1997, com seu primeiro e único romance *The God of Small Things*, no qual tenta subverter as narrativas dos grandes deuses e dar voz aos silenciados que com sua agência desconstróem as versões oficiais da história. Ela focaliza homens e mulheres comuns pertencentes a uma família dispersa no mundo que se reencontram na Índia. Suas próprias vidas contam a história da nação e, especialmente, a agência da mulher indiana, trazendo as grandes políticas da nação aos pequenos eventos que marcam o dia-a-dia da comunidade. Porém, a escritora ativista anti-globalização continuou escrevendo livros críticos sobre a política mundial.

O escritor anglo-indiano que ganhou prominência nos últimos anos pelo seu talento perspicaz é Amitav Ghosh. Os romances de Ghosh seguem uma linha de narrativa ocidental de aventura, porém com penetração psicológica e apelo emocional questionando as grandes narrativas em contraponto com as pequenas, as quais retratam as pessoas excluídas da história oficial e redefinem o papel da mulher na sociedade em que atua para entender os dramas pessoais. Ele constrói espaços simbólicos que se configuram pelo cruzamento de fronteiras geográficas e sócio-culturais como bem analisa Regiane Correa Ramos (2011) na sua dissertação de mestrado “Entre Oriente e Ocidente: as vozes das travessias em Amitav Ghosh”. Ghosh escreveu vários livros em que as narrativas sobre as travessias dos protagonistas unem o valor estético ao valor ético do ato de narrar. O romance *Sea of Poppies (Mar de papoulas, 2008)*, primeiro volume da recente e ambiciosa “trilogia do Ibis”, mergulha o leitor no conturbado comércio do ópio perpetrado nas Índias Orientais do século XIX (China e extremo Oriente). Narra a viagem do navio Ibis (embarcação inglesa), os plantadores de papoula na Índia e os conflitos gerados no navio.

* * *

O final do milênio apresenta uma literatura das diásporas que desestabilizam o poder que o território tem para determinar a identidade rompendo as ligações explicativas entre lugar, local e consciência (GILROY, 1993). Essas narrativas desafiam o discurso unificador de nação, centralizando a problemática na experiência dialética do indeterminismo. A experiência diaspórica configura identidades culturais traduzidas, procurando uma noção de autenticidade no novo local de atuação e uma “consciência do olhar” (IZARRA, 2010, p. 214). A forma de representar o sujeito diaspórico marca a presença de elementos literários que conformam uma estética específica: a coexistência de espaços de pertencimento, a simultaneidade de tempo, as resignificações de “lar”, a sobreposição dos espaços privado e público no território urbano, a função e os espaços da memória feminina como “cultura de sobrevivência”, as linguagens justapostas e a ruptura das fronteiras entre o real e o imaginário. Os discursos literários das diásporas criam o efeito estético de espaços móveis de tradução cultural ao invés de espaços de equivalências e diferenças, próprios dos discursos comparatistas. A plasticidade dos espaços de tradução configura histórias transnacionais em que se manifesta paradoxalmente a unicidade de um povo imaginado e transcende a essência de um espaço territorial. O leitor ganha uma percepção multidimensional, e experimenta várias realidades de intersecção cultural. Assim, na encruzilhada de vários textos – o histórico, o cultural e o literário – sugere-se analogicamente uma cultura de sobrevivência no cosmopolitismo do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

Agard, John. “Stereotype” (2013) Disponível em: <<http://acupofpoetry.tumblr.com/post/56072655869/stereotype-by-john-agard>> Acesso em: 20 set. 2013.

APPADURAI, Arjun; BRECKENRIDGE, Carol (1989) Editors' Comment: On Moving Targets. In: VERTOVEC, Steven; COHEN, Robin (eds.). *Migration, Diasporas and Transnationalism*. Northampton, Mass.: Edward Elgar Publishing Ltd., 1999.

AUGÉ, Marc. (1992) *Non-Places. An Introduction to Supermodernity*. London & New York: Verso, 2008.

BOLFARINE, Mariana. Espaço e metaficção em *A House for Mr. Bismar*, de V.S. Naipaul. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2011.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora. Contesting Identities*. London & New York: Routledge, 1996.

BRATHWAITE, Edward Kamau. (1967) *The Arrivants. A New World Trilogy*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

CARBONIERI, Divanize. Hibridismo e simultaneidade no romance *the Famished Road*, de Ben Okri. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2006.

_____. A compensação da imobilidade nos cronotopos oníricos: uma leitura da trilogia *Blood in the Sun*, de Nuruddin Farah. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2010.

CLIFFORD, James. (1997) *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge, Mass. & London: Harvard University Press, 2nd. printing, 1999.

DAVIS, Carole Boyce. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 18, n. 3, Sept./ Dec. 2010, p. 747-763.

GILROY, Paul. *Small Acts. Thoughts on the Politics of Black Cultures*. New York: Serpent's Tail, 1993.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. Ed. Jonathan Rutherford. *Identity, Community, Culture, Difference*. London: Lawrence and Wishart, 1990, p. 222-37.

_____. New Ethnicities. Eds. David Morley & K.H. Chen. *Stuart Hall. Critical Dialogues in Cultural Studies*. London: Routledge, 1996a, p. 441-449.

_____. The Formation of a Diasporic Intellectual. An Interview with Stuart Hall by Kuan-Hsing Chen?. Eds. David Morley & K.H. Chen. *Stuart Hall. Critical Dialogues in Cultural Studies*. London: Routledge, 1996b, p. 484-503.

- IZARRA, Laura P.Z. *Narrativas de la diáspora irlandesa bajo la Cruz del Sur*. Buenos Aires: Corregidor, 2010, 2011.
- MCCAFFERTY, Kate. *Testimony of an Irish Slave Girl*. London & New York: Viking, 2002.
- PHILLIPS, Caryl. *Strange Fruit*. London: Amber Lane Press, 1981.
- POWELL, Enoch. “Rivers of Blood”. *Birmingham Post*, 22 abril 1968. Disponível em: http://www.sterlingtimes.co.uk/powell_press.htm#. Acesso em: 20 set. 2013.
- PROCTER, James (Ed.). *Writing Black Britain 1948-1998*. Manchester & New York: Manchester University Press, 2000.
- RAMOS, Regiane Correa de Oliveira. Entre Oriente e Ocidente: as vozes das travessias em Amitav Ghosh. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2011.
- SUGIYAMA, Rose Yukiko. Espacialidades narrativas. Uma leitura de *An Artist of the Floating World*, de Kazuo Ishiguro. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2011.
- VERTOVEC, Steven; COHEN, Robin. *Migration, Diasporas and Transnationalism*. Northampton, Mass.: Edward Elgar Publishing Ltd., 1999.

Laura Patricia Zuntini de Izarra

Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora da Cátedra de Estudos Irlandeses W.B. Yeats, Universidade de São Paulo (USP).

Artigo recebido em 30 de setembro de 2013.

Artigo aceito em 14 de novembro de 2013.